



Biagio D'Angelo

# TITO

, meu irmão e eu



Ilustrações Elma

***edelbra***



edelbra  
**TTO**  
edelbra  
, meu irmão e eu

edelbra

edelbra

edelb

bra

edelbra

edelbra

1ª edição, 2ª impressão

Coordenação editorial: Elaine Maritza da Silveira

Ilustrações: Elma

Projeto gráfico: André Neves

Revisão: Renato Deitos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D182t

D'Angelo, Biagio, 1967-

Tito, meu irmão e eu / Biagio D'Angelo ;  
coordenação Elaine Maritza da Silveira ; ilustração Elma.

- 1. ed. - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.

48 p. : il. ; 27,7 cm.

ISBN 978-85-66470-71-0

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Silveira, Elaine  
Maritza da. II. Elma (Ilustrador). III. Título.

14-16503

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2015

Edelbra

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida

ou copiada, por qualquer meio,

sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.





Biagio D'Angelo

edelbra

# TITO

, meu irmão e eu

edelbra

edelbra

edelbra


edelbra

bra

edelbra

edelbra

Ilustrações Elma



**edelbra**

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

Hoje, às sete e cinco da manhã, mochila pronta para a escola, tocou o telefone e chegou a notícia de que meu tio Jonas voou para morar com os anjos e os bem-te-vis.

É o segundo fato triste da minha vida.



edelbra

edelbra

edelbra

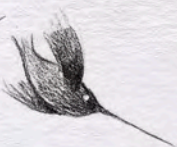
edelbra

edelbra



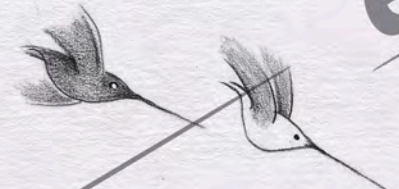

bra

edelbra

edelbra



Meu tio Jonas tinha bigode preto e branco, e não sorria quase nunca. Falava com toda a minha família uma língua muito esquisita que eu não conseguia entender. Há alguns dias, o tio Jonas foi na casa de três andares da minha avó Catarina.



A minha avó Catarina também tem bigodes, só que um pouco mais coloridos. Eu e meu irmão gostamos de brincar com ela por causa dos bigodes. Ela gosta dessa brincadeira. Transforma-se numa bruxa, num castor, ou num peixe dos oceanos, todos eles com os bigodes (como ela!), e nós rimos, porque quando ela imita — até que parece uma atriz da televisão — os bigodes se movem como as antenas da tevê quando venta desde o Sul.





edelbra

edelbra

edelbra

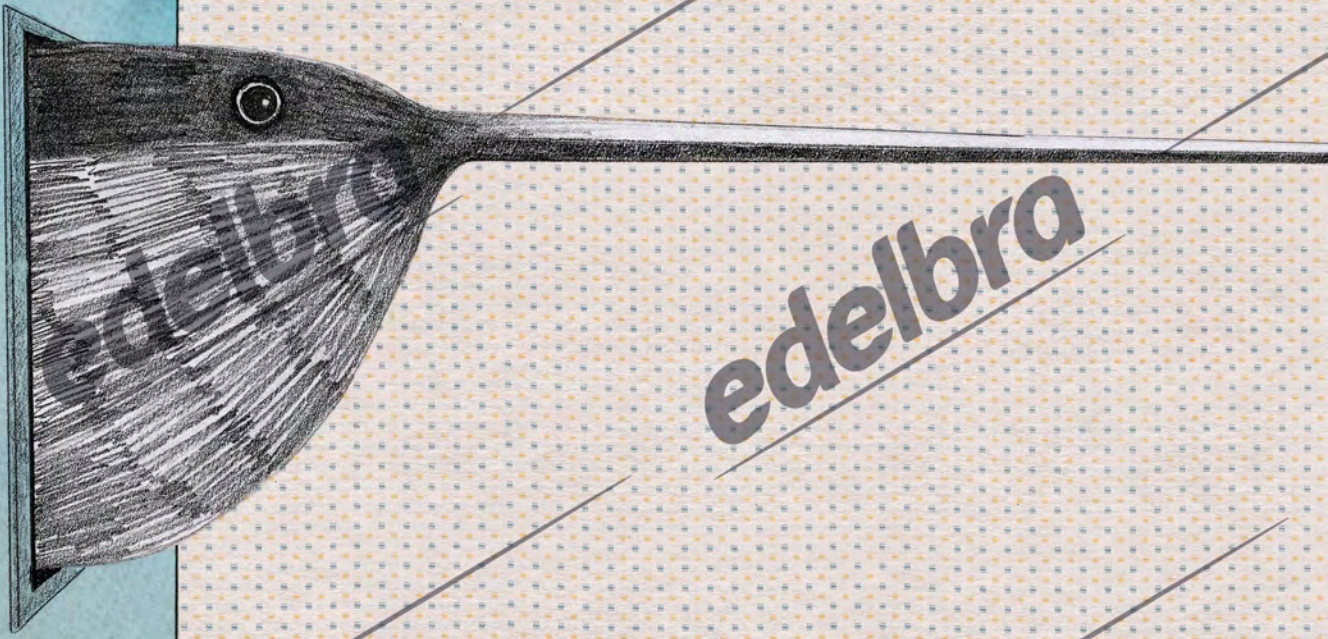
edelbra

edelbra

bra

edelbra

edelbra



edelbra

edelbra

edelbra

edelbra



bra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

Tio Jonas tinha medo dos  
animais.

Não tínhamos leões,  
nem panteras,  
nem condores na minha terra.

Quente demais e longe demais de savanas e  
florestas. Até de formiguinhas, inocentes e invisíveis, ele tinha  
medo! E pulava, como um grilo, assim que via uma, e se coçava.  
Pulava e coçava. E também dos grilos, é claro, medo tinha!

De vez em quando, Tio Jonas ia até os campos. Era um campo muito grande, com três, quatro terraços: amarelos sob o Sol do verão, verdíssimos de dar dor nos olhos durante a primavera, prateados quando começava a cair a primeira geada, e de cor feia no outono, tão feia que não lembro e nem quero descrever.

A avó Catarina ia sempre até os campos com meu pai e o tio Jonas. Eles aí voltavam crianças. Colhiam berinjelas e cogumelos escondidos que tinham medo de perder o lugar deles. Mas eles colhiam, colhiam, colhiam até que as mãozinhas deles ficavam todas avermelhadas, como depois de uma luta a socos e beliscos.

Mas estou me enrolando...

É outra a história que quero contar.  
Voltamos ao meu tio, ao meu pai e à minha avó.





edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

Um dia, meu tio Jonas não foi ao campo porque tinha que ir à cidade. E meu pai também não. Estava com sarampo, coitadinho, todo vermelhinho e com os olhos fechados. Minha mãe dava-lhe, a cada quatro horas e quatro minutos, um xarope amaríssimo de urtiga morna sem açúcar, receita que um vizinho de casa japonês tinha lhe aconselhado. Meu pai chorava, não queria. Mas minha mãe falava, com voz de fada, que devia, não havia jeito, senão ele podia passar o sarampo a mim, ao meu irmão, às berinjelas e aos cogumelos. Assim, foi a minha avó sozinha — um pouco nervosa, a dizer a verdade, e com os bigodes que ondulavam infelizes — a ir ao campo para colher castanhas, senão elas ficam podridas (ela dizia assim: “podridas”) e deixam a terra toda amarronada (não sabia dizer “marrom”, sei lá por quê...), e a terra não fecunda mais nem erva daninha!.

Enfim, volto a contar a minha história.

## Biagio D'Angelo

Você já perdeu um bichinho querido, um brinquedo sem o qual fica mais difícil pegar no sono? Nunca o seu sorvete caiu no chão? Eu perco coisas há mais de quarenta anos, desde criança, desde quando tinha a sua idade.

Este livro foi inspirado por essas perdas que acontecem na vida da gente. Eu tinha um pouco de medo de escrever sobre a perda. E muitas pessoas me diziam: “mas por que insistes em escrever sobre isto?”.

Um dia encontrei, numa livraria de Porto Alegre, um livro belíssimo do escritor alemão Wolf Erlbruch. O livro *O pato, a morte e a tulipa* falava de uma pergunta bonita que é ligada à perda: “para onde vamos?”.

Ah, esqueci de dizer que sou estrangeiro, nasci muito longe, na Itália (quatorze horas de avião), que tenho medo de voar e que ontem perdi a minha caneta preferida. Moro no Brasil desde 2008 e dou aulas na UnB, em Brasília.

## Elma

Sou a Elma e nasci aqui mesmo no Brasil, em Recife.

Eu não gosto de perder nada. Nem pessoas, nem bichinhos, nem coisas. Nada! Diante de uma perda, algumas vezes eu fico triste, em outras sinto raiva e, em outras, choro muito.

Quando comecei a pensar nas imagens para o texto, procurei primeiro lembrar de algumas coisas que foram minhas e que perdi. Mas o que me inspirou foi o que está guardado no meu coração, pois algumas vezes encontramos aquilo que foi perdido, outras vezes não... Nunca mais. E fica apenas a lembrança na memória da gente.

Trabalhar neste livro foi, de certa forma, fácil, porque o tema sensível proporcionou liberdade para criar algo suave e tocante, bem do jeito que eu gosto de fazer. E deixo aqui uma dica: quando você perder algo ou alguém, e ficar muito triste, procure fechar os olhos e ficar em silêncio. Logo, logo a vontade de chorar vai embora, assim como um passarinho que voa para cantar livremente.





Na tarde de outono, a avó chegou para uma visita. Veio em sua Fiat Vassoura e avisou que, na cesta azul, trazia “uma surpresíssima”. Enquanto um dos meninos imaginava como seria a Fiat Vassoura, o outro sofria de curiosidade e, em seu cérebro, desfilavam objetos, figuras, livros, animais, flores e frutas que podiam estar na cesta amarrada às costas da avó.

Revelada a surpresa, em meio a muita gritaria, felicidade e alguma confusão, ninguém podia imaginar que aquela seria muito mais que uma surpresa na infância dos meninos.

**edelbra**

ISBN: 978-85-66470-71-0



9 788566 470710

